

URBANISMO E CONTEMPORANEIDADE: RECORTES TEÓRICOS

DRABIK, Mariana Melani.¹
DIAS, Solange Irene Smolarek²
DIAS, Caio Smolarek³

RESUMO

Apresenta-se resultado parcial de pesquisa. A temática aborda o planejamento sob a ótica da abordagem sistêmica. Nessa etapa o objetivo é o de apresentar a fundamentação teórica da pesquisa. No desenvolvimento da pesquisa apresenta-se estudos do urbanismo, das cidades e suas mudanças, o planejamento urbano e as cidades contemporâneas como organismos vivos e sua perda de identidade. A metodologia adotada é a dialética. Os resultados parciais encaminham a pesquisa para a demonstração, através de referenciais teóricos, estudo de caso e pesquisa de campo, da abordagem sistêmica como importante alternativa ao planejamento urbano das cidades contemporâneas, a fim de manter pró-ativamente sua identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Planejamento Urbano. Abordagem Sistêmica. Identidade Urbana.

URBANISM AND CONTEMPORARY: THEORETICAL CUTTINGS

RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

Presents partial search result. The study approached the planning from the perspective of systemic approach. At this stage the purpose is to the theoretical research foundation. In the research presents urban studies, their cities and changes, urban planning and contemporary cities as living organisms and their loss of identity. The methodology is dialectical. Partial results refer research to demonstration, through theoretical frameworks, case study and field research, systemic approach as an important alternative to urban planning contemporary cities in order to proactively maintain their identity.

PALAVRAS-CHAVE EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: Urban Planning. Systemic Approach. Urban Identity.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está inserida na linha de pesquisa Planejamento Urbano e Regional, no grupo Métodos e Técnicas do Planejamento Urbano e Regional. Intenciona oferecer soluções alternativas a partir de uma observação e avaliação da situação que se apresenta. Propõe este estudo novos paradigmas de pensamento, avaliando o planejamento urbano através de diferentes maneiras de planejar uma cidade. O assunto a ser abordado é o Planejamento Urbano. Nesta linha, o tema trata do planejamento urbano sob a ótica da abordagem sistêmica. Na problemática inicial da pesquisa indaga-se: a identidade urbana contemporânea está sendo mantida nos atuais processos de planejamento urbano?

A presente pesquisa sustenta-se nos seguintes aspectos: no aspecto sociocultural, justifica-se pelo fato de que, a análise e manutenção da identidade das cidades contemporâneas é algo importante pois, influenciam na maneira em que os habitantes de uma determinada cidade se relacionarão com o espaço urbano. No âmbito acadêmico/científico por ampliar a possibilidade de novas discussões e trabalhos a respeito do tema. No campo profissional justifica-se por oportunizar o diálogo entre maneiras de planejar uma cidade, ampliando a visão dos administradores públicos para novas possibilidades. Do ponto de vista econômico e técnico este estudo justifica-se por contribuir para a demonstração de diferentes formas de planejar, pois o planejamento urbano não deve ser estático e, sim, estar em constante evolução. Intenciona-se pesquisar através do planejamento urbano, baseado na ótica sistêmica, como a soma da participação e colaboração significativa de indivíduos e grupos traz maiores resultados do que a contribuição de poucos. Com isto fundamenta-se a pesquisa no aspecto social.

¹Acadêmica de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Assis Gurgacz, formando em 2015. Aluna de PICV (Pesquisa de Iniciação Científica Voluntária) do Grupo de Pesquisa Métodos e Técnicas do Planejamento Urbano e Regional, em pesquisa que originou o presente artigo. E.mail: marianadrabik@gmail.com.

²Professora orientadora da presente pesquisa. Doutora em Engenharia de Produção pela UFSC; mestre em Letras pela UNIOESTE; graduada em Arquitetura pela UFPR. Pesquisadora líder dos Grupos de Pesquisa: Teoria da Arquitetura; História da Arquitetura e Urbanismo; Métodos e Técnicas do Planejamento Urbano e Regional; Teoria e Prática do Design. Docente da Faculdade Assis Gurgacz e da Faculdade Dom Bosco. E.mail: solange@fag.edu.br.

³Idealizador da plataforma Projetar.org. Formado em Arquitetura e Urbanismo em 2008, mestre em *Urban Landscape* pela *Politecnico di Milano* em 2010. Foi professor de disciplinas de projeto em curso superior de Arquitetura e Urbanismo. É autor do livro "Casavel: um espaço no tempo: a história do planejamento urbano". É membro titular da Câmara Técnica de Meio Ambiente do CAU-PR. É sócio proprietário do Studio CSD, onde desenvolve projetos de arquitetura, urbanismo e design. Foi premiado com o 4º lugar no concurso italiano para a Paróquia de San Filippo Neri, e foi 3º colocado no concurso Tidelli para mobiliário externo. Foi membro, pela *Politecnico di Milano*, da equipe que realizou a mostra Brasília: uma utopia realizada, exibida na *Triennale di Milano*. E.mail: caiosmolarek@hotmail.com

Como resposta ao problema apresentado anteriormente propõe-se como hipótese inicial de que existem sistemas de planejamento que não consideram a identidade urbana e que, seja possível, através da abordagem sistêmica oportunizar a manutenção pró-ativa dessa identidade.

Apresentados problemas e hipóteses, define-se os objetivos da pesquisa. O objetivo geral do trabalho é demonstrar que com a utilização da abordagem sistêmica dentro do planejamento urbano seja possível analisar e manter pró-ativamente a identidade das cidades contemporâneas. Para que se possa atingir este objetivo, serão necessárias algumas etapas no desenvolvimento, etapas essas definidas como objetivos específicos, listados a seguir:

1. Introduzir o tema proposto através de pesquisa bibliográfica;
2. Pesquisar os conceitos de planejamento urbano;
3. Apresentar apanhado histórico sobre o urbanismo, as cidades e suas mudanças;
4. Definir cidades contemporâneas;
5. Justificar a necessidade de analisar a identidade das cidades contemporâneas e como, em alguns processos de planejamento atuais, sua identidade não é mantida;
6. Concluir respondendo ao problema da pesquisa, refutando ou comprovando a hipótese inicial.

A pesquisa desdobra-se a partir do seguinte Marco Teórico:

Através da abordagem sistêmica, gestores urbanos terão como implantar o planejado estrategicamente. Porém, há dificultadores nesse processo. No mundo em geral [...] as cidades não possuem planejamento e crescem de forma acelerada, o que as leva à desordem espacial, econômica, social, ambiental e, muitas vezes, à perda de identidade local (DIAS, 2009, p. 21 e 22).

A metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho é de caráter qualitativo que, conforme Marconi e Lakatos (2011), busca fornecer análises detalhadas sobre o assunto investigado através da análise e interpretação de dados. São relacionados os conteúdos psicológicos e sociais. A coleta de dados possui instrumentos não estruturados. Em relação à sua natureza, a pesquisa pode ser classificada como aplicada que, para Bervian; Cervo e Silva (2007), busca objetivar a produção de conhecimentos para sua aplicação prática a fim de solucionar problemas específicos. Definida a metodologia, esta pesquisa pode ser classificada como pesquisa bibliográfica que, segundo Macedo (1994), envolve a seleção de documentos relacionados ao tema e o fichamento de referências para posterior utilização. Na pesquisa bibliográfica o método utilizado é o dialético, ele fundamenta-se na dialética que foi proposta por Hegel, onde as contradições são constantes, gerando outras contradições, passando assim a demandar uma solução. Esse método engloba a realidade, considerando os fatos dentro de um contexto social, econômico, político, cultural, etc. (DIAS, 2008).

2 DESENVOLVIMENTO

O presente título desdobra-se nos estudos do urbanismo, das cidades e suas mudanças, no planejamento urbano, na descrição das cidades como organismos vivos e nas cidades contemporâneas⁴ e sua perda de identidade.

2.1 O URBANISMO, AS CIDADES E SUAS MUDANÇAS

A cidade se forma, para Benevolo (2009), quando deixa de ser aldeia e busca pelos serviços crescem, passando a ser setorizado e surgindo a necessidade da divisão do trabalho. De acordo com Dias (2006, p. 11) “Jericó⁵ é o mais primitivo desenvolvimento urbano conhecido”. Para Glancey (2001):

A própria palavra civilização origina-se da palavra latina *civis*, que significa cidadão ou habitante da cidade. O mais primitivo desenvolvimento urbano conhecido e, portanto, o ponto de partida para a arquitetura foi Jericó. As escavações revelaram casas – feitas de tijolos de barro e, sem dúvida, atraentes em sua época – anteriores a 8.000 a.C. e santuários cerca de 7.000 a.C. (GLANCEY, 2001, p. 14).

No II milênio a.C., conforme Benevolo (2009), as cidades sumerianas eram cercadas do ambiente externo através de muros, já abrigando milhares de pessoas dentro do ambiente fechado e os terrenos já eram divididos individualmente entre os habitantes. Foi somente no século IV que foi instaurada uma reflexão a respeito das questões urbanas, com os pensadores Platão⁶ e Aristóteles⁷. Anteriormente essa reflexão sobre a cidade era realizada somente nas questões filosóficas (HAROUEL, 1990). De acordo com Geddes (1994) os estudos relacionados às cidades foram

⁴ As cidades contemporâneas podem ser definidas como polos econômicos e culturais, são locais de experimentação que estão em constante mudança (ABASCAL, 2005).

⁵ Uma das cidades mais antigas que se tem conhecimento, localizada na região de Israel (FAZIO; MOFFETT; WODEHOUSE, 2011).

⁶ Platão foi discípulo de Sócrates, o primeiro filósofo ocidental no qual os livros permaneceram intactos. Nasceu por volta de 428 a.C. e morreu em 348 a.C. (MAGEE, 1999).

⁷ Sócrates também foi discípulo de Platão, foi o primeiro grande filósofo grego. Nasceu em torno de 470 a.C. e morreu em 399 a.C. (MAGEE, 1999).

iniciados por Aristóteles, que acreditava na importância de ver a cidade a partir dos próprios olhos do observador. Segundo Dias (2006), Aristóteles e Platão foram os precursores da reflexão em torno do urbanismo, se tornando Aristóteles o grande pensador urbanístico da época, formulando propostas de melhorias para as cidades.

Na Grécia, segundo Glancey (2001), foi através da construção de seus templos que os sistemas projetuais e de construção puderam ser aperfeiçoados. Conforme Lamas (2004) o planejamento urbano na Grécia tinha a praticidade como essência, a organização do ambiente se dava a partir da necessidade de espaço, e o centro da cidade era o local principal. De acordo com Harouel (1990) para os gregos a cidade era uma comunidade, que englobava tanto o espaço urbano quanto os campos. Para o autor, o urbanismo romano é uma continuação do grego.

A cidade romana possuía duas vias principais que iniciavam-se na porta da cidade, de norte a sul e de leste a oeste, e cruzavam-se em uma praça central, levando a cidade a um traçado de ruas regular (BENEVOLO, 2009). Conforme Dias (2006) os elementos urbanos de Roma eram: a muralha, as casas, o fórum, os equipamentos públicos e as vias. Segundo Lamas (2004) é na cidade romana que, pela primeira vez, a regulamentação urbana foi utilizada.

Para Dias (2006), na Idade Média, as cidades são construídas cercadas por muralhas, para sua proteção. Conforme Lamas (2004) foi nesse período que iniciou-se o uso do traçado radiocêntrico, a cidade medieval, por suas condições, utilizava-se dos restos das antigas construções romanas. Ainda segundo o autor, ao final do século XVII, o Renascimento passou a influenciar todas as intervenções urbanas, devido ao crescimento das cidades. De acordo com Harouel (1990) os renascentistas romperam com o urbanismo medieval, voltando a utilizar os antigos traçados ortogonais.

Foi após a Revolução Industrial⁸ no século XVIII que, segundo Harouel (1990), surgiu o urbanismo que conhecemos, como uma ciência, para o autor o urbanismo diz respeito a todos os fatores que estão conectados à cidade. Conforme Novak (2009) o termo urbanismo aborda as cidades e, para o autor, é possível supor que ele exista desde o início das cidades. “A revolução industrial e o período moderno produziram uma ruptura radical na forma, estrutura, na organização distributiva dos conteúdos e propósitos da urbanística e das cidades. Ela se divide principalmente em dois períodos: durante a guerra e pós-guerra” (LAMAS, 2004, p. 298).

Segundo Benevolo (2009) a cidade pós-liberal permitiu a organização as grandes cidades europeias e influenciou a organização das cidades atuais; algumas características podem ser comparadas como as cidades contemporâneas, são algumas delas: linhas de limite entre espaço público e privado, organização da periferia, densidade excessiva no centro, falta de moradias baratas. Essas cidades se sobrepõem a cidade mais antiga, e tende a destruí-la. Para o pós-modernismo as cidades deveriam ter sua identidade, mas as cidades acabam sendo transformadas em mercados capitalistas. Benevolo (1991) cita que entre as décadas de 1830 e 1850 nasceu o urbanismo moderno, como alternativa a cidade pós-liberal.

Segundo Harouel (1990),

Até a revolução industrial, apesar de uma evolução da imagem urbana, permanece válida a definição de cidade como um disposto de ruas cercados por um muro comum. Com a chegada da industrialização, essa visão tradicional é superada, multiplicando-se os problemas que a cidade se depara: crescimento demográfico, condição da habitação da população operária. Desses novos problemas nasce o urbanismo moderno (HAROUEL, 1990, p. 147).

Para Dias (2009), no século XX, surgem diversas tendências urbanísticas: o urbanismo humanista, fundamentado em Max Weber⁹; a corrente naturalista de Frank Lloyd Wright¹⁰ e a, principal, tendência progressista. O urbanismo progressista rejeita a cidade antiga, é obcecado pela modernidade, mas, ao organizar o espaço urbano, a cidade tornou-se sadia fisicamente, porém doente psicologicamente. Segundo Alckmin (2012) a primeira crítica ao urbanismo funcionalista surgiu na década de 1960, quando os administradores públicos perceberam que o planejamento envolvia muito mais do que simplesmente decompor funcionalmente a cidade. Para Harouel (1990) o urbanismo naturalista é um modelo que busca garantir a felicidade do indivíduo, sendo isso, indissociável da natureza.

Já a partir dos anos 1980 o conceito de cidade-espetáculo foi criado, perdendo-se no tempo a cultura local, transformando a cidade em algo que poderia ser comprado e vendido, perdendo sua identidade, tornando o cidadão um mero coadjuvante de sua própria cidade (DIAS, 2009). Goitia (1982) afirma que as cidades fazem parte da história humana; para o autor “pode-se viver fora delas, mas sempre contando com elas, com apoio e referência especial a elas” (GOITIA, 1982, p. 39).

Lamas (2004) aponta que ao longo do tempo a forma e o desenho urbano das cidades foram se modificando, devido aos objetivos de cada época. Conforme Jodelet (2002) a cidade, da forma com que está evoluindo, não consegue encontrar sua identidade e aparecer como um local em que seus moradores possam se identificar e encontrar suas raízes históricas e culturais.

⁸ A Revolução Industrial, englobou um conjunto de mudanças e teve início na Inglaterra. (MORA-ANDA, 2006).

⁹ Max Weber (1864-1920) nascido na Alemanha, seus estudos sociológicos são lidos até os dias atuais (KALBERG, 2010).

¹⁰ Em tradução livre da autora. Frank Lloyd Wright (1867-1959), um dos mais importantes arquitetos do século XX (LANGMEAD, 2003).

Segundo Oliveira (2009),

Desde o surgimento das primeiras cidades o homem busca organizá-las de modo a atingir uma sociedade estável e harmoniosa. Entretanto, as cidades sempre foram marcadas por desigualdades sociais, por diferentes modos de participação, apreensão e interação (OLIVEIRA, 2009, p. 1).

Para Dias (2009) as cidades não possuem um planejamento adequado crescendo deliberadamente, se tornando desorganizadas espacialmente, economicamente e no âmbito social perdendo, muitas vezes, sua própria identidade. De acordo com Pereira (2010) não é mais aceitável esse crescimento a qualquer preço que vem ocorrendo dentro das cidades. O planejamento urbano deve, além de estruturar a cidade, proteger o ambiente natural no qual o espaço urbano se desenvolve.

2.2 O PLANEJAMENTO URBANO

O planejamento é “a preparação para a gestão futura, em que o que se busca é evitar ou, pelo menos, minimizar problemas, além de ampliar margens de manobra” (SOUZA, 2006, p. 151). Para Teixeira (2013) o planejamento urbano é um processo de ordenação consciente de elementos a fim de atingir um objetivo já determinado, promover o desenvolvimento urbano. O Planejamento Urbano, conforme Pasinato (2012) deve buscar a ocupação harmônica e o desenvolvimento das cidades, sendo a participação popular e a reflexão teórica sobre o assunto, fundamentais.

Para Anjos; Anjos e Oliveira (2013):

O planejamento se configura como um processo cíclico retroalimentado constantemente, e mesmo se expressando linearmente no tempo, possibilita a geração de propostas e soluções num ambiente contínuo de tomada de decisões, tendo um caráter muito mais complexo do que uma sequência de atividades (ANJOS; ANJOS E OLIVEIRA, 2013 p. 392).

De acordo com Diniz Filho e Vicentini (2004) a cidade moderna, princípios usados entre os anos de 1920 a 1940, tinha como premissa a rígida categorização das funções urbanas, com uma separação da cidade através de zoneamentos¹¹. Mas, foi somente após o final da II Guerra Mundial¹² que essas propostas puderam ser colocadas em práticas, a partir da construção das novas cidades através dos conceitos do racionalismo funcionalista.

Segundo Oliveira (2009) a primeira tentativa de planejar uma cidade ideal surgiu no século XIX, após a Revolução Industrial, assim Howard¹³ (1898) propôs a construção das cidades-jardins. Já, ainda conforme o autor, por volta dos anos de 1920 surgem as ideias de Le Corbusier, baseadas nas cidades-jardins, mas sendo transportadas para cidades com alta densidade populacional. Na época, as duas ideias foram amplamente difundidas e utilizadas em diversas cidades, mas acabaram minando a diversidade urbana, aumentando a desigualdade social. Conforme Glancey (2001), no século XVIII inicia-se o urbanismo clássico e Paris¹⁴ torna-se um modelo para todo o mundo. Com a Revolução Industrial a população rural migra para as cidades, aumentando significativamente a população urbana, o modelo de cidade ideal promove a busca por qualidade de vida, mas, na realidade ocorre um aumento da insalubridade urbana.

Para Jacobs (2001) essas propostas promoveram a rua como um lugar ruim para a população, devendo as casas estar distantes dela, envoltas por uma área verde cercada. De acordo com Novak (2009, p. 136) “o conceito de ideal implica a desvalorização sistemática do existente”, passando a promover que somente algo novo poderia resolver os problemas, sendo esta uma condição para atingir a cidade ideal.

Para Souza (2002), nos últimos 30 anos, o planejamento urbano vem sofrendo diversas críticas. O início dos anos 1970, após a publicação das obras: A questão urbana de Manuel Castells (1983); e A justiça social e a cidade do autor David Harvey (1980), marcaram o começo da influência do pensamento marxista dentro dos estudos urbanos. Nas publicações os autores criticam o pensamento conservador do planejamento urbano e consideram “o espaço urbano como um produto social e os “problemas urbanos” como problemas relacionados com a dinâmica das relações de produção e a estrutura de poder na sociedade capitalista” (SOUZA, 2002, p. 26). Segundo Ferrari Junior (2004), as considerações sobre o papel do planejamento atingiram um propósito maior a partir da década de 1970. Seu objetivo era descobrir o verdadeiro objetivo do planejamento que, através da influência marxista, buscava condicionar o espaço urbano às necessidades do capitalismo.

¹¹ O zoneamento é usado para dividir a cidade em zonas conforme seus índices urbanísticos, uso e ocupação do solo (PAIXÃO; AIALA, 2013).

¹² A Segunda Guerra Mundial foi um dos maiores conflitos da história da humanidade. Aconteceu entre os anos de 1939 a 1945 (GILBERT, 2009).

¹³ Edward Howard (1898) ao propor a construção das cidades-jardins, vislumbrou locais autossuficientes, separados por áreas verdes, onde a população não poderia ultrapassar 30 mil habitantes (OLIVEIRA, 2009).

¹⁴ Em tradução livre da autora. Entre os anos de 1853 e 1869, o então prefeito de Paris, Haussmann com seus colaboradores remodela toda a cidade de Paris, tornando-a uma referência para outras cidades e países (CANNON, 2015).

Para os marxistas, conforme Souza (2002), o planejamento urbano era “um instrumento a serviço da manutenção do *status quo* capitalista” (SOUZA, 2002, p. 26). Conforme Diniz Filho e Vicentini (2004),

A partir da década de 80, esse quadro de discussão sobre o urbano e as áreas metropolitanas e seu papel articulados de uma rede de cidades vai colocar-se de forma diferenciada, com a mundialização da economia e a caracterização das cidades globais, que vai condicionar um processo de transformação metropolitana e a maior participação dos governos locais [...] (DINIZ FILHO; VICENTINI, 2004, p. 108).

O surgimento de grandes empreendimentos urbanos através de intervenções de grande impacto nas cidades, a fim de reforçar a imagem urbana, é chamado de Planejamento Estratégico (DINIZ FILHO; VICENTINI, 2004). Para Rezende e Ultramari (2007) o planejamento estratégico é um processo que busca determinar objetivos e estratégias para uma cidade, considerando o espaço urbano no presente e no futuro. Segundo Castells e Borja (1996, p. 98) “plano estratégico é a definição de um projeto de cidade que unifique diagnósticos, concretize atrações públicas e privadas e estabeleça um quadro coerente de mobilização e de cooperação dos atores sociais urbanos”. Conforme Dias (2009) a metodologia do planejamento estratégico pode contemplar a abordagem de planejamento sistêmico, a fim de definir suas estratégias e ações.

Nos anos de 1990, para Pinto (2001), um novo meio de promoção das cidades surge: o *city marketing*¹⁵. Para Sánchez (1999) o *city marketing* é uma orientação política que visa atender as necessidades de consumo do cidadão. Conforme Pinto (2001) ele busca construir uma nova imagem para a cidade, através de sua promoção para seus habitantes, turistas e investidores. Atualmente, conforme Rio de Janeiro (2009), a estratégia global de planejamento de longo prazo é o foco dos planejadores e urbanistas, nascendo assim o *Master Plan*¹⁶. O *Master Plan* é um planejamento a longo prazo¹⁷ que, através de um quadro de trabalho e de elementos-chave, oportuniza uma visão ampla no processo. No *Master Plan*, ainda, as questões de sustentabilidade¹⁸ e consequências do plano nos arredores e vizinhanças são avaliados e considerados (NEW YORK CITY, 2014). Segundo Muniz (2012) observa-se que, para planejar as cidades contemporâneas, ao redor de todo mundo os governos utilizam de sistemas de planejamento baseados nas técnicas das empresas.

De acordo com Barcellos e Barcellos (2004), atualmente, a busca por mais qualidade de vida nas cidades e a necessidade de um desenvolvimento urbano ordenado constituem grandes desafios aos planejadores urbanos.

Conforme Dias (2009),

A atividade de planejamento é complexa, pressupõe um processo contínuo de pensamento sobre o futuro, a partir de um processo decisório permanente, acionado dentro de um contexto ambiental interdependente e mutável. Por esta imensa presença e participação, o processo de planejamento é muito mais importante que seu resultado final, que normalmente materializa-se num plano (DIAS, 2009, p. 74).

Muniz (2012) complementa,

A crise urbana materializa-se na crescente pressão social, causada pelas demandas relacionadas à prestação dos serviços essenciais [...] e se acentua por falta de um projeto de cidade e pelas condições insatisfatórias na gestão. Enfim, tornou-se imprescindível a necessidade de um novo modelo de gestão, que, em princípio, baseia-se no planejamento do processo de produção da cidade [...] (MUNIZ, 2012 p. 58 e 59).

Para Oliveira (2009) a atual configuração do planejamento busca reconstruir e reorganizar espaços a fim de diminuir o caos das cidades contemporâneas. Para o autor, o planejamento moderno, na busca pela harmonia das cidades, passou a realizar projetos de reurbanização, mas os objetivos não foram alcançados, pois cada vez mais existem problemas urbanos. Muniz (2012) afirma que, além da necessidade de se configurar um novo modelo de planejamento, é fundamental criar estratégias para promover a imagem da cidade e o valor de seus cidadãos. “Enfim, na gestão da cidade contemporânea, o sucesso do projeto de cidade em boa parte depende da adesão da sociedade local [...]” (2012, p. 61), assim, quando os cidadãos compartilham suas ideias e resultados, um ambiente harmônico é criado, caminhando para o sucesso na construção de projetos futuros.

2.3 AS CIDADES CONTEMPORÂNEAS COMO ORGANISMOS VIVOS E SUA PERDA DE IDENTIDADE

¹⁵ [Tradução da autora]. Propaganda da cidade.

¹⁶ [Tradução da autora]. Plano Mestre ou Plano Diretor.

¹⁷ [Tradução da autora]. A master plan is an evolving, long-term planning document. It establishes the framework and key elements of a site reflecting a clear vision created and adopted in an open process (NEW YORK CITY, 2014).

¹⁸ [Tradução da autora]. The key elements of the master plan are reviewed for potential effects on surrounding neighborhoods and the local environment [...] (NEW YORK CITY, 2014).

De acordo com Basso e Van Der Linden (2010) a cidade é algo mutável, não pode ser estudada como um fenômeno estático e finalizado, pois suas formas são dinâmicas e adquirem novas características ao longo do processo histórico. Rossi (2001) afirma que a cidade é a história das pessoas, pois está intimamente ligada a momentos de suas vidas. Para o autor, a cidade é formada através da relação entre o homem e o lugar. Cullen (1983) complementa dizendo que a cidade aproxima as pessoas, promovendo bem-estar e tranquilidade, levando seus moradores ao convívio em comunidade. Para Freitas (2005) a cidade é a aglomeração da população e seu significado depende da cultura e contexto demográfico do local onde está inserida.

Conforme Ponsato (2005, p. 117) “a configuração do território é um produto e um processo social”. Para o autor, cada habitante da cidade gera um significado para o espaço, que muda conforme o tempo, assim os lugares só conseguem existir a partir de sua paisagem e significação. De acordo com Muniz (2012) a cidade é um organismo vivo por possuir um ciclo de vida que envolve seu nascimento, crescimento e períodos de declínio.

Para Benevolo (2001),

No passado, o ritmo de vida de uma cidade parecia mais lento e mais estável do que o ritmo de vida humana, os homens encontravam na cidade um ponto de apoio e referência, agora faz-se ao contrário, e faz falta aquele ponto de referência, pois a fisionomia da cidade parece mais efêmera que a memória humana. Essa passagem exige o abandono dos antigos sistemas de controle intuitivo e sua substituição por um plano organizado de intervenções (BENEVOLO, 2001, p. 158)

Giddens (1991) aponta que nas sociedades do passado a tradição, as histórias e seus símbolos eram de extrema importância, significavam a continuidade daquela cidade, pois eram transmitidos entre as gerações. Segundo Ferrari Junior (2004) as cidades, a partir da segunda metade do século XX, analisando sua organização, passavam a imagem de espaço planejável e ordenado. Ao passar dos anos essa imagem passou a ser de um ambiente cruel e controlado por tensões sociais. Conforme Muniz (2012) a cidade atual teve início como um local de produção e isso se deu após a Revolução Industrial, a partir da grande aceleração da urbanização.

Para Lynch (1999) cada cidadão tem uma imagem de sua cidade, esta que está cheia de significados e lembranças individuais. Ainda conforme o autor, para compreender uma cidade é necessário observar como seus habitantes a percebem.

Conforme Argan (1998),

A verdadeira crise da cidade manifesta-se não apenas em uma diminuição do seu nível cultural mas também na perda do seu caráter original, essa queda de valor é determinada pelo fato que não é mais um bem e um instrumento da comunidade (ARGAN, 1998, p. 257).

Para Muniz (2012, p. 36) “a cidade contemporânea deve ser competitiva, sustentável, criativa, produtiva e justa”, mas, ao mesmo tempo, ela é o produto da história das pessoas, de sua cultura e suas relações.

Segundo Jodelet (2002) o meio ambiente é produzido pelo homem e se torna material através das relações, objetos e história de uma cidade. Lynch (1999) afirma que a necessidade de reconhecer o ambiente em que se vive é de extrema importância para os habitantes de uma cidade, tanto prática como emocionalmente. De acordo com Dias (2009) os governos passaram a produzir projetos-espetáculos, a fim de buscar algum traço de cultura local, mas, os cidadãos, através das imagens da cidade, sentiram-se, em seu imaginário, donos dessas obras, passando a coadjuvantes em seu próprio espaço urbano. Para Del Rio (2004) a imagem das cidades pode ser comprometida pelo acelerado processo de desenvolvimento atual. O autor afirma que a identificação com a cidade é uma necessidade humana, tanto a nível sócio cultural quanto psicológico. O espaço urbano deve ser um conjunto de partes que contenham sua história e características formando, assim, um todo coerente.

Para Jodelet (2002),

A questão, pois, é saber em que condições a cidade pode aparecer com um lugar que possa ser definido por seu caráter identificador, um lugar que permita que seus habitantes se reconheçam e se definam por meio dele, que, por seu caráter racional, permita a leitura da relação que os habitantes mantêm entre si, e por seu caráter histórico, possibilite que os habitantes reencontrem os vestígios de antigas implantações, seus sinais de filiação (JODELET, 2002, p. 33).

Cullen (1983) aponta que o ambiente externo é o meio mais dinâmico para promover a identificação das pessoas com aquilo que está ao seu redor. Conforme John e Reis (2009) a imagem que os indivíduos têm da cidade é influenciada pela relação entre os elementos que compõem o espaço urbano, eles irão colaborar para deixar o ambiente ameno ou desagradável para seus usuários. Para Basso e Van Der Linden (2010) as cidades podem ser vistas como uma composição de elementos, que determinam as características de seus habitantes e sua época, sendo capazes de promover identidade à cidade, além de servirem como referência aos cidadãos. Ponsato (2005) aponta que quando os espaços urbanos vão crescendo de maneira desordenada, seu significado é perdido, produzindo, em seus usuários, uma sensação de estranhamento, tornando a cidade um local sem identidade. Conforme John e Reis (2010) a cidade contemporânea

possui diversas necessidades que devem ser atendidas: assim, um ambiente com identidade remete a significados e reações positivas dos indivíduos.

Segundo Hall (2005) a sociedade atual é um local de mudança constante, onde cada nova informação recebida produz alterações em seu caráter. Para Pinto (2001) a cidade contemporânea “[...] deixa então de ser o lugar do cidadão (o que tem direito à cidade) para ser o local do cidadão (o que mora na cidade)” (PINTO, 2011, p. 21). Segundo Lopes (1998) a cidade transformou-se em uma mercadoria, atingindo um caráter empresarial, que atua de acordo com o que é imposto pelo mercado internacional.

Conforme Lopes (1998):

A formação da identidade em uma sociedade é um processo complexo e difuso, a partir de inúmeros parâmetros e condicionamentos. É um processo construtivo evolutivo a partir do qual se definem inclusões e exclusões, política, cultura e comportamento em um espaço definido a cada época (LOPES, 1998, p. 19).

Para Hall (2005) a contemporaneidade é caracterizada pela mudança, atravessando, a todo momento, fragmentações que produzem diversas identidades ao sujeito. Para o autor: “se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados” (HALL, 2005, p. 17). Segundo Trigueiros (2012) cada pessoa vive um local de maneira distinta, essas vivências irão gerar símbolos e recordações, através de sua acumulação, criando a identidade local e o sentimento de pertença. Para a autora, a identificação está ligada a ideia de cidade como bem cultural, que envolve o patrimônio de um povo, preservado para contar sua história.

Para Sánchez (2003),

A visão de mundo que constrói a “cidade ideal” procura, a partir da difusão de “modelos”, normatizar as cidades, configurá-las de acordo com os parâmetros da cidade competitiva, da cidade-empresa, da cidade-mercadoria, desconsiderando a complexidade socioespacial e a multiplicidade de projetos políticos em cada território urbano (SÁNCHEZ, 2003, p. 140).

De acordo com Hall (2005) novas identidades estão surgindo, fragmentando o sujeito moderno. O autor aponta que atualmente os indivíduos estão sofrendo uma crise de sua identidade que “[...] é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas [...]” (HALL, 2005 p. 1). Assim, as pessoas estão perdendo as antigas referências que possuíam. Conforme Muniz (2012) as cidades são locais para sentir-se aconchegado, como em casa. Elas são histórias construídas no decorrer de muitos anos e, por isso, representam a memória de um povo. Seus espaços e construções refletem as características culturais daquele local e, conseqüentemente, das pessoas que lá habitam.

2.4 SÍNTESE

Percebe-se que ao longo do tempo e, principalmente após a Revolução Industrial, a configuração das cidades mudou, assim como a maneira com que seus moradores a observam. Promover a qualidade de vida e ordenar a cidade se tornou o atual desafio para os planejadores, que precisam seguir as tendências mundiais ao mesmo tempo em que as características e identidade da cidade devem ser mantidas, pois, com todas as mudanças ocorridas no decorrer dos anos, seus cidadãos acabaram perdendo as antigas referências que possuíam.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A configuração das cidades sofreu mudanças ao longo da história, mas, sua maior transformação ocorreu após a Revolução Industrial. As cidades contemporâneas passaram a fazer parte de um mercado global, trazendo uma nova realidade urbana. Atualmente os urbanistas enfrentam o grande desafio de promover qualidade de vida aos cidadãos: para tanto, objetivam aprimorá-la, seguindo tendências mundiais que contemplam a preservação da história e identidade local. Assim, surgiu a necessidade da implantação de novas formas de planejamento, como a abordagem sistêmica, que preconiza a participação de todos na construção de planos e metas para o desenvolvimento urbano. Em resgate sintético dos resultados parciais da presente pesquisa, relata-se o que foi apresentado:

Na introdução apresentou-se assunto, tema, problemáticas iniciais da pesquisa. Justificou-se a mesma no âmbito acadêmico/científico por ampliar a possibilidade de novas discussões e trabalhos a respeito do tema. No aspecto sociocultural, justificou-se pelo fato de que, a análise e manutenção da identidade das cidades contemporâneas é algo importante pois, influenciam na maneira em que os habitantes de uma determinada cidade se relacionarão com o espaço urbano. No campo profissional justificou-se por oportunizar o diálogo entre maneiras de planejar uma cidade, ampliando a visão dos administradores públicos para novas possibilidades. Do ponto de vista econômico e técnico este

estudo justificou-se por contribuir para a demonstração de diferentes formas de planejar, pois o planejamento urbano não deve ser estático e, sim, estar em constante evolução. Buscou-se pesquisar através do planejamento urbano, baseado na ótica sistêmica, como a soma da participação e colaboração significativa de indivíduos e grupos traz maiores resultados do que a contribuição de poucos. Com isto fundamentou-se a pesquisa no aspecto social.

O problema instigador da pesquisa foi formulado pelo seguinte questionamento: a identidade urbana contemporânea está sendo mantida nos atuais processos de planejamento urbano? Partiu-se da hipótese inicial de que existem sistemas de planejamento que não consideram a identidade urbana e que, seja possível, através da abordagem sistêmica oportunizar a manutenção pró-ativa dessa identidade.

O objetivo geral do trabalho buscou demonstrar que com a utilização da abordagem sistêmica dentro do planejamento urbano seja possível analisar e manter pró-ativamente a identidade das cidades contemporâneas. Para o atingimento deste objetivo, foram necessárias algumas etapas no desenvolvimento, etapas essas definidas como objetivos específicos, listados a seguir:

1. Introduzir o tema proposto através de pesquisa bibliográfica;
2. Pesquisar os conceitos de planejamento urbano;
3. Apresentar apanhado histórico sobre o urbanismo, as cidades e suas mudanças;
4. Definir cidades contemporâneas;
5. Justificar a necessidade de analisar a identidade das cidades contemporâneas e como, em alguns processos de planejamento atuais, sua identidade não é mantida;
6. Concluir respondendo ao problema da pesquisa, refutando ou comprovando a hipótese inicial.

A pesquisa desdobrou-se a partir do seguinte Marco Teórico:

Através da abordagem sistêmica, gestores urbanos terão como implantar o planejado estrategicamente. Porém, há dificultadores nesse processo. No mundo em geral [...] as cidades não possuem planejamento e crescem de forma acelerada, o que as leva à desordem espacial, econômica, social, ambiental e, muitas vezes, à perda de identidade local (DIAS, 2009, p. 21 e 22).

A metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho foi de caráter qualitativo que. Em relação à sua natureza, a pesquisa pôde ser classificada como aplicada. Definida a metodologia, esta pesquisa pôde ser classificada como pesquisa bibliográfica. Na pesquisa bibliográfica o método utilizado foi o dialético.

Introduzidos os elementos que estruturam a pesquisa, o desenvolvimento da mesma divide-se nos estudos do urbanismo, das cidades e suas mudanças, no planejamento urbano, na descrição das cidades como organismos vivos e nas cidades contemporâneas e sua perda de identidade.

Nos estudos do urbanismo, cidades e suas mudanças apresenta-se a Revolução Industrial como ponto de ruptura ao urbanismo que conhecemos hoje, como uma ciência. As cidades passam a uma grande urbanização sobrepondo-se as cidades antigas, nesse processo passam a funcionar como mercados capitalistas, perdendo sua identidade e tornando o cidadão seu coadjuvante.

O planejamento urbano é um processo em busca de um objetivo: o desenvolvimento urbano. A partir da década de 80, com as diversas transformações urbanas, os governos locais passam a ter maior participação no planejamento de suas cidades, surgindo assim novas formas de planejar, como: o planejamento estratégico; o *city marketing* e o *master plan*. Na busca pela modernização diversos projetos de reurbanização foram realizados, mas seus objetivos não foram alcançados. É necessários que um novo modelo de planejamento urbano seja configurado, onde os cidadãos e o governo possam compartilhar ideias e resultados.

No subcapítulo as cidades contemporâneas como organismos vivos e sua perda de identidade apresenta-se a cidade como algo em constante transformação, um local que é produzido através das relações com seus habitantes. Essa relação gera a imagem dessa cidade, o que faz com que os indivíduos identifiquem-se com ela. Pelas constantes mudanças na configuração dos espaços urbanos atuais, em muitas ocasiões sua identidade é perdida, tornando-se locais desfragmentados, onde, na verdade, devem ser locais agradáveis que promovam o bem-estar de seus habitantes.

Na continuidade da pesquisa, objetiva-se demonstrar, através de referenciais teóricos, estudo de caso e pesquisa de campo a abordagem sistêmica como importante alternativa ao planejamento urbano das cidades contemporâneas, a fim de manter pró-ativamente sua identidade.

REFERENCIAS

ABASCAL, E. H. S. Cidade e arquitetura contemporânea: uma relação necessária. *Vitruvius*, Arqtextos, São Paulo, n.066.06, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/06.066/410>>. Acesso em: 01 ago. 2015.

ALCKMIN, M. L. **Apostila de Estudos: Urbanismo Sistemático**. São Paulo: CACCAU, 2012. Disponível em: <<http://www.belasartes.br/chocolatedigital/wp-content/uploads/2010/05/Urbanismo-Sistemico.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

_____.; ANJOS, S. J. G. dos; OLIVEIRA, J. P. de. A abordagem sistêmica no processo de planejamento e gestão de territórios urbanos turísticos. **Revista Rosa dos Ventos**, n.5, p.390-407, jul/set. 2013.

ARGAN, G. C. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARCELLOS, P. F. P e BARCELLOS, L. F. P. Planejamento urbano sob perspectiva sistêmica: considerações sobre a função social da propriedade e a preocupação ambiental. **Revista FAE**, Curitiba, v.7, n.1, p.129-144, jan/jun. 2004.

BASSO, L.; VAN DER LINDEN, J. C. S. Mobiliário urbano: Origem, Forma e Função. In: **Anais do 9º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**, 2010, São Paulo. São Paulo: Congresso de Design, 2010. Disponível em: <<http://blogs.anhemi.br/congressodesign/anais/artigos/69553.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

BENEVOLO, L. **A cidade e o arquiteto**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. **História da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CANNON, J. **The Paris zone: A cultural history, 1840-1944**. England: Ashgate, 2015.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

_____.; BORJA, J. As cidades como atores políticos. **Novos estudos**, São Paulo, n.45, 1996.

CULLEN, G. **Paisagem Urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

DEL RIO, V. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: PINI, 2004.

DIAS, S. I. S. **A arquitetura do desejo: o discurso da nova identidade urbana de Curitiba**. 2006. 249 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel. Disponível em: <<http://www2.fag.edu.br/professores/solange/DISSERTA%20DE%20MESTRADO/A%20ARQUITETURA%20DO%20DESEJO%20-%20A5.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2015.

_____. **Metodologia do trabalho científico: diretrizes básicas**. Faculdade Assis Gurgacz – CAUFAG, 2008.

Disponível em: <

www2.fag.edu.br/professores/solange/METODOLOGIA%20TRAB%20CIENTIFICO/MethodologiaTrabalhoCient%20edf%20Solange2008.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2015.

_____. **Sistema de planejamento para implementação e monitoramento de planos diretores em municípios brasileiros**. 2009. 266 f. Tese (Doutorado em Gestão das Organizações) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

DINIZ FILHO, L. L.; VICENTINI, Y. Teorias espaciais contemporâneas: o conceito de competitividade sistêmica e o paradigma da sustentabilidade ambiental. **Desenvolvimento e meio ambiente**, Curitiba, n.9, p.107-166, 2004.

FAZIO, M.; MOFFETT, M.; WODEHOUSE, L. **A história da arquitetura mundial**. 3ed. Porto Alegre: AMGH, 2011.

FERRARI, J. C. J. Limites e potencialidades do planejamento urbano: uma discussão sobre os pilares e aspectos recentes da organização espacial das cidades brasileiras. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, n.1, p.15-28, 2004. Disponível em: <<http://www.ceap.br/material/MAT15092009175647.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

FREITAS, R. **Entre mitos e limites: as possibilidades do adensamento construtivo face à qualidade de vida no ambiente urbano**. 2005. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GEDDES, P. **Cidades em evolução**. Campinas: Papirus, 1994.

- GLANCEY, J. **A história da arquitetura**. São Paulo: Loyola, 2001.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.
- GILBERT, M. **A Segunda Guerra Mundial**. Portugal: Dom Quixote, 2009.
- GOITIA, F. C. **Breve história do urbanismo: tipos de cidade, a cidade e a história, a cidade do presente e ecologia urbana**. Portugal: Presença, 1982.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HAROUEL, J-L. **História do urbanismo**. 3.ed. Campinas: Papirus, 1990.
- JACOBS, J. **Morte e vida nas grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes. 2001.
- JODELET, D. A cidade e a memória. In: DEL RIO, V.; DUARTE, C. R.; RHEINGANTZ, P. A. (Org.). **Projeto do lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro: PROARQ, 2002.
- JOHN, N. M.; REIS, A. T. L. Mobiliário urbano: estética e uso dos espaços. In: **Anais do Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído**, 2009, São Carlos. São Carlos. IX Workshop Brasileiro de gestão do Processo de Projeto na Construção de Edifícios. 2009. Disponível em: <<http://www.iau.usp.br/ocs/index.php/SBQP2009/SBQP2009/paper/viewFile/168/49>>. Acesso em: 26 abr. 2015.
- KALBERG, S. **Max Weber: uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 3.ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- LANGMEAD, D. **Frank Lloyd Wright: a bio-biography**. Westport: Praeger, 2003.
- LOPES, R. **A cidade intencional: o planejamento estratégico das cidades**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MACEDO, N. D. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa**. São Paulo: Loyola, 1994.
- MAGEE, B. **História da Filosofia**. São Paulo: Loyola, 1999.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2011.
- MORA-ANDA, E. **História dos ideais**. Brasília: Thesaurus, 2006.
- MUNIZ, M. A. P. C. **Intervenções urbanas em espaços de desvalia: transformar para valorizar**. 2012. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- NEW YORK CITY. Department of City Planning. **New York's new parkland fresh kills factsheet**. 2014. Disponível em: <<http://www.nyc.gov/html/dcp/pdf/fkl/factsheet2.pdf>>. Acesso em: 03 mai. 2015.
- NOVAK, H. Os outros nomes do urbanismo: planejamento, projeto e desenhos urbanos. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, n.14, p.127-146, 2009.
- PAIXÃO, M. J. P. da.; AIALA, C. P. M. Planejamento urbano: importância do zoneamento. In: **Anais do IV Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental**, 2013, Salvador. Salvador: Instituto Brasileiro de Estudos Ambientais e de Saneamento (IBEAS), 2013. Disponível em: <<http://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2013/IV-012.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2015.

PASINATTO, L. Planejamento urbano no Brasil: tendências e novos desafios. In: **Anais do XVII Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, 2012, Cruz Alta, RS. Cruz Alta: UNICRUZ, 2012. Disponível em: <<http://www.unicruz.edu.br/seminario/downloads/anais/ccsa/planejamento%20urbano%20no%20brasil%20tendencias%20e%20novos%20desafios.pdf>> Acesso em: 03 mai. 2015.

PEREIRA, A. L. D. S. **O espaço urbano pós-moderno e a arquitetura**. Ouro Preto: Departamento de Arquitetura e Urbanismo, 2010.

PINTO, G. J. Planejamento estratégico e city marketing: a nova face das cidades no final do século XX. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, n.3, p.17-22, 2001. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/viewFile/15256/8557>>. Acesso em: 01 mai. 2015.

PONSATO, S. A. D. **Arquitetura e paisagem**: projeto participativo e criação coletiva. São Paulo: Annablume, 2005.

PRAÇA, M. I. F. **Qualidade de vida relacionada com a saúde: a perspectiva dos utentes que frequentam os Centros de Saúde do ACES Trás-os-Montes I Nordeste**. 2012. Dissertação (Mestrado em Gestão das Organizações) - APNOR, Instituto Politécnico de Bragança, Bragança. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3612/1/tese%20final%20Fevereiro.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2015.

REZENDE, D. A.; ULTRAMARI, C. Plano diretor e planejamento estratégico municipal: introdução teórico-conceitual. **Administração Pública**, Rio de Janeiro, v.41, n.2, p.255-271, 2007.

RIO DE JANEIRO. Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. **Rio 2016**. 2009. Disponível em: <http://www.rio2016.org.br/sites/default/files/parceiros/dossie_de_candidatura_v1.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2015.

ROSSI, A. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SÁNCHEZ, F. Políticas urbanas em renovação: uma leitura dos modelos emergentes. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Campinas, n.1, p.115- 132, 1999.

_____. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. Chapecó: Argos, 2003.

SOUZA, M. L. de. **Mudar a cidade**: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **A prisão é agora**: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

TEIXEIRA, M. F. I. M. **Planejamento urbano e desenho urbano**: um estudo sobre suas relações múltiplas e mutantes. 2013. Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana) – Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba.

TRIGUEIROS, C. I. L. **Componentes da identidade e simbolismo**: arte pública e eventos no espaço público do núcleo antigo de Vila Franca de Xira. 2012. Dissertação (Mestrado) – Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.